

caso de somenos importância, que teria acontecido depois, quando Augusto já era rapaz de 20 anos.

\* \* \*

Devo agora explicar como descobri o drama passional de Augusto dos Anjos, sem sair do meu canto, sem perguntar nada a ninguém, apenas debruçado sobre o *Eu*, que retrata o poeta. Lá pelo ano de 1960 andava eu cogitando de fazer uma palestra sobre Augusto dos Anjos na Federação das Academias de Letras do Brasil. O tema me fôra sugerido por um confrade ilustre, que aceitei com temor, pois tão despreparado me achava para a execução da tarefa que nem o *Eu* possuía, livro que lera com arrebatado entusiasmo em tempos já muito distantes.

Adquirido um exemplar da obra, relanceei a vista sobre as composições, atento em anotar as passagens que bem dissessem da inquietação espiritual do poeta. Isto feito, iniciei o trabalho, mas logo me convenci que a colheita realizada não me abria nenhum caminho para a compreensão de tantas mensagens de angústia. Parecia ver, por entre os matices estéticos, o *ego* do poeta e debater-se num desesperado caso de consciência. O *Eu* era todo êle um estertor de quem vivia em crise de consciência. De onde vinha então a dor que tanto angustiaava o poeta? Que desgraça teria caído sobre êle que o fez ficar assim tão triste?

Na preocupação de encontrar uma centelha que clareasse a sombria trajetória daquele mundo subjetivo, tive de repetir a leitura e ao discorrer a vista por sobre *A Ilha de Cipango* fui tomado de uma sensação nova. Voltei a ler o poema com maior ansiedade e, limpando a vista, disse comigo mesmo: houve um episódio de amor na vida de Augusto, de consequências dolorosas e foi desde êsse momento que êle se tornou tão triste. A partir da oitava estância do poema, eis que o poeta canta o seu idílio com tanta beleza emocional:

Lembro-me bem. Nesse maldito dia  
O gênio singular da Fantasia  
Convidou-me a sorrir para um passeio...  
Iríamos a um país de eternas pazes  
Onde em cada deserto há mil oásis  
E em cada rocha um cristalino veio.